

## PENSAR OS MITOS E AS CRENÇAS NA ACTUALIDADE

*Manuel Gama*

Departamento de Filosofia e Cultura  
Instituto de Letras e Ciências Humanas  
Universidade do Minho

1. Dizia o filósofo grego da Antiguidade, Aristóteles, que o homem deseja naturalmente saber. E saber o quê? A verdade. Esta é a meta que, constantemente, todos procuramos, mesmo sabendo que muitos tentam enganar os outros mas ninguém quer ser enganado.

A questão fundamental está em saber onde está a verdade. O que é fonte de verdade? Qual a via certa, que nos encaminhe para ela? Teorias sobre este assunto não faltam. Em posições extrema, podem enunciar-se duas. A daqueles que entendem que, neste mundo, o ser humano só por si não pode atingir a verdade absoluta. Ela está reservada para outra vida. Em oposição oposta está a teoria daqueles que entendem que se pode alcançar – e alcança, segundo eles - a verdade neste mundo e, para eles, o primeiro erro, será admitir a existência doutra vida. É claro que, como na vida, as coisas neste domínio também não são a preto e branco. Há variados matizes.

2. No século XIX, outro filósofo, este francês, Augusto Comte (1798-1857), que marcou a história do pensamento com o denominado positivismo, leu a história da humanidade como tendo três etapas fundamentais, a que ele chamou estados ou estádios. Ou seja, ao longo da história, o homem procurou a verdade em três fontes distintas. Num primeiro estádio (que ele denominou de *religioso, teológico, fictício* ou *mítico*) o homem tem preferência por assuntos inacessíveis e, como tal, insolúveis. O segundo estádio (o *metafísico* ou *abstracto*) é um período intermédio entre o primeiro e

o terceiro, em que o homem ainda «busca acima de tudo explicar a natureza íntima dos seres, a origem e o destino de todas as coisas, o modo essencial de produção de todos os fenómenos; porém, em vez de utilizar os agentes sobrenaturais propriamente ditos, ele substitui-os cada vez mais por [...]» certas «abstracções personificadas»<sup>1</sup>.

Finalmente, depois daqueles dois estádios provisórios, chega o terceiro e último (o *positivo* ou *real*) que é o «regime definitivo da razão humana», que nas palavras de Comte corresponde ao período da «virilidade mental»<sup>2</sup>. Depois de períodos de cariz infantil, o homem atinge a sua idade adulta. A verdade, agora, a partir da modernidade, não vem dos deuses, nem de abstracções, mas dos *factos*: «Desde agora, ela [a inteligência] reconhece, como regra fundamental, que qualquer proposição que não seja estritamente redutível ao simples enunciado dum facto, quer particular, quer geral, não tem qualquer sentido real e inteligível. Os princípios que utiliza não são senão autênticos factos [...]»<sup>3</sup> A verdade, pois, vem-nos tão só dos «fenómenos observados».

O que é de registar, com espanto, no pensamento de Comte, é que o último estádio ultrapassa e elimina os dois estádios anteriores. Tudo o que não for objecto de observação fenomenal não é, com toda a certeza, fonte de verdade. A consequência fundamental, no âmbito deste pensamento, é o acabar com os “velhos” mitos e com todas as crenças sobretudo as religiosas. Mas, no final, apesar de tudo, o que vemos? A formação e enraizamento de um novo grande *mito* assente numa grande *crença*. A saber: a crença de que tudo vai ser desmistificado.

3. Aquele grande mito moderno podemos vê-lo espelhado na espécie de “nova” trindade pós-iluminista, que quer colocar-se no lugar da “velha” Trindade revelada, donde a verdade emergia e para onde tudo convergia. Conforme refere F. Carvalho

---

<sup>1</sup> Augusto Comte, *Discurso sobre o Espírito Positivo*, Seara Nova, Lisboa, 1947, pp. 52-53.

<sup>2</sup> Cf. *Id., Ib.*, p. 52.

<sup>3</sup> *Id., Ib.*, p. 56.

Rodrigues<sup>4</sup>, no lugar do Pai (eterno e imperecível) foi colocada a Ciência; no lugar do Filho (o realizador, o que veio para salvar) foi colocada a Tecnologia; em vez do Espírito Santo (o que inspira, que ilumina) é proposta a Racionalidade.

Afinal, esta “nova” trindade, que prometia um bem-estar total – semelhante ao paraíso religioso –, trouxe de volta (ou não nos livrou) várias ameaças: a fome (associada às guerras e, nos últimos tempos, e também no futuro, certamente ao desemprego e à marginalização); a guerra (parecendo-nos algo distante no espaço e no tempo, mas não podemos esquecer que o Século XX foi fértil nelas, e a escassez de água poderá ser uma causa próxima bem real, assim como igualmente a falta de trabalho); as pestes (no passado tiveram nomes diversos e, hoje, dão pelo nome de droga, HIV, pneumonia atípica, etc.). A este respeito, entende Carvalho Rodrigues que «sempre que estes três Cavaleiros do Apocalipse cavalgam sobre o Planeta nele se instala a desavença, a descrença, a pobreza e o fim da esperança.»<sup>5</sup>

Na modernidade, para o lugar de Deus, dos mitos, das crenças, quer colocar-se exclusivamente a crueza e a brutalidade factos. Dizemos “exclusivamente”, pois não olvidamos os extraordinários benefícios que a ciência e a técnica – que lidam com factos – têm trazido para a humanidade.

O mito continua bem presente na vida dos homens e influencia-a directamente. Ao estudar os mitos no homem moderno, Raphael Patai<sup>6</sup> ilustra com clareza, fruto da conclusão dos seus estudos, a forma como eles actuam sobre nós:

«Que é o que dá ao mito o extraordinário poder de influir nas nossas vidas? Em primeiro lugar existe o factor crença. Para que o mito exerça alguma influência sobre as pessoas, estas precisam de

---

<sup>4</sup> Cf. F. Carvalho Rodrigues, *Ontem, um Anjo Disse-me. Diálogos para o Século XXI*, Europa-América, Mem Martins, 1995, pp. 13 e ss.

<sup>5</sup> *Id., Ib.*, p. 13.

<sup>6</sup> Raphael Patai, *O Mito e o Homem Moderno*, Editora Cultrix, São Paulo, s.d., p. 14.

acreditar na verdade que o mito afirma. [...] Não é uma verdade simples, factual, senão uma verdade que só começamos a enxergar quando começamos a compreender o “verdadeiro significado” do mito. [...]

Apreendida a verdade do mito, este assume nova função: os que caem debaixo da sua influência experimentam uma sensação de satisfação que pode tomar várias formas. [...] De qualquer maneira, o mito é percebido como algo valiosíssimo e vigorosamente influente.»

4. A crença não pode deixar de existir na condição humana. Não pode ser banida. Faz parte da natureza antropológica. Acontece é que querendo suprimir as crenças, na realidade o que se faz é substituí-las, pois muito da nossa vida do dia-a-dia assenta em crenças de âmbito geral ou de índole religiosa. E em duas das dimensões antropológicas mais fundamentais, a crença está presente. É verdade que a existência de Deus é uma crença, mas não deixa de ser crença o negar a sua existência. Igualmente, se a afirmação da imortalidade é uma crença, a posição contrária crença é. O que divide, então, os contendores? A *cruza dos factos*<sup>7</sup>. A questão é que o ser humano continua a *interrogar-se* para além dos factos. E para muitas realidades, a explicação racional não chega, tem de se tomar outro tipo de linguagem, como é a do mito. É neste contexto que Mircea Eliade<sup>8</sup> se refere à «sobrevivência» de certos comportamentos míticos. Não se trata da «sobrevivência» de uma mentalidade arcaica, mas da manutenção de determinados aspectos e funções do pensamento mítico, que revelam, assim, ser constitutivos do ser humano. Os mitos tiram o homem do seu próprio tempo, do seu tempo individual. Enquanto o homem não sabe – ou não pode – cavalgar a “máquina do tempo”, pelos mitos, refere ainda Mircea Eliade<sup>9</sup>, o tempo pode ser dominado.

---

<sup>7</sup> Ficando pelo restritivamente factual, perante a morte de um ser humano, por mais ligado que nos seja, só se fica pelo morreu, faz-se o funeral, enterra-se e não se fala mais nisso!

<sup>8</sup> Cf. Mircea Eliade, *Aspectos do Mito*, Edições 70, Lisboa, 1986, p. 152.

<sup>9</sup> Cf. *Id., Ib.*, Capítulo V, «O tempo pode ser dominado».

Em relação aos animais, pode dizer-se que o homem é pobre instintivamente, mas rico racionalmente. A razão veio suplantar a deficiência instintiva. Dessa racionalidade nasceram os laboratórios científicos, muito benéficos para a humanidade. No entanto, o povo, na sua sabedoria, apesar dos úteis laboratórios, continua a ter como fontes de conhecimento a intuição e a experiência pessoal. Por exemplo, na medicina popular, ainda encontramos o saber de experiência feito como caminho certo para curar algumas doenças. Ainda se resguarda o véu do mistério, ainda não se está embebido pelo «mito da desmistificação» de tudo.

Enquanto que a medicina clássica muitas vezes usa métodos desproporcionados (frequentemente por exigência do mundo da produção, que não tolera a normal fraqueza de saúde dos seus trabalhadores), a sabedoria do povo, nas suas práticas medicinais, sabe que é preciso ter paciência, que é preciso dar tempo ao tempo. E também parece aceitar com mais naturalidade a finitude, a condição do homem como ser mortal.

5. Em conclusão, tal como ontem, também hoje, neste mundo cheio de ruído e de aceleração, devemos continuar a aquilatar a validade dessa voz misteriosa contida na velha máxima *Vox populi, vox Dei*, pois o mistério faz parte do ser em si e do ser enquanto humano.

## BIBLIOGRAFIA

- COMTE, Augusto, *Discurso sobre o Espírito Positivo*, Tradução, introdução, tábua cronológica e sincrónica, e notas de Joel Serrão, Seara Nova, Lisboa, 1947.

- ELIADE, Mircea, *Aspectos do Mito*, Trad. de Manuel Torres, Edições 70, Lisboa, 1986.
- PATAI, Raphael, *O Mito e o Homem Moderno*, Tradução de Octávio Mendes Cajado, Editora Cultrix, São Paulo, s.d.
- RODRIGUES, F. Carvalho, *As Novas Tecnologias, o Futuro dos Impérios e os Quatro Cavaleiros do Apocalipse*, Discórdia Editora, Lisboa, 1991 (nova edição nas Publicações Europa-América, Mem Martins, 1994).
- □ *Ontem, um Anjo Disse-me. Diálogos para o Século XXI*, Europa-América, Mem Martins, 1995.